

VIRGINIA BRINDIS DE SALAS: NOTAS EM TORNO DE UMA BIOGRAFIA

VIRGINIA BRINDIS DE SALAS: NOTES ABOUT A BIOGRAPHY

Victor Andre Pinheiro Cantuário¹

Fabiana Pereira Marques²

RESUMO: O propósito deste texto é apresentar considerações sobre a biografia de Virginia Brindis de Salas, poeta afro-uruguaia contemporânea, a fim de se contribuir para a desconstrução de equívocos divulgados a seu respeito, os quais lhe atribuem atividades que não realizou e, por outro lado, pretendem questionar que seja a autora dos dois livros publicados sob seu nome. A necessária revisão desses equívocos tem por objetivo aclarar, ainda que parcialmente, detalhes de sua vida e obra, seguindo o caminho trilhado por Lewis (1983; 2003) e Young (1991; 1993; 2002; 2003; 2004). Para tanto, consultou-se o acervo de *Nuestra Raza*, *Acción*, *Rumbos*, *Orientación*, e *Revista Uruguay*, periódicos da coletividade afro-uruguaia que circularam na primeira metade do século XX, disponíveis na página *Colecciones Digitales* do sítio da Biblioteca Nacional de Uruguay, o que se mostrou importante dado o fato de Salas haver publicado poemas e de ter sido objeto de notícias nesses. Diante disso, espera-se acrescentar mais um capítulo à história dessa poeta que durante sua trajetória pública e, mais acentuadamente, após o seu falecimento tem sido objeto de constantes tentativas de descrédito e discriminação como se pretende demonstrar.

PALAVRAS-CHAVE: Virginia Brindis de Salas; Poesia afro-uruguaia; Poesia feminina; Literatura latino-americana.

ABSTRACT: This paper presents remarks about the biography of Virginia Brindis de Salas, contemporary afro-uruguayan poet, to contribute to the deconstruction of some wrong points of view about her which assert things she didn't, and on the other hand try to dispute that she is the real author of the two books published under her name. The revision of these errors intends to clarify, even though partially, details about her life and work, following Lewis (1983; 2003) and Young (1991; 1993; 2002; 2003; 2004). To do this, it was consulted *Nuestra Raza*, *Acción*, *Rumbos*, *Orientación*, and *Revista Uruguay*, afro-uruguayan journals available on the *Colecciones Digitales* from the Biblioteca Nacional de Uruguay's web page, where Salas

¹ Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará – Brasil. Doutorando em Estudos Literários na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Professor Assistente da Universidade Federal do Amapá – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-1706-1016>. E-mail: ve.cantuاريو@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá – Brasil. Especialização em andamento em Educação Especial e Inclusiva pelo Centro Universitário Internacional – Brasil. E-mail: marquesf896@gmail.com.

published poems and was reported. Considering that information, the paper expects to move a step forward in Salas' biography that during her public life, and mainly after her death has been object of constant attempts of discredit and discrimination, as it intends to show.

KEYWORDS: Virginia Brindis de Salas; Afro-Uruguayan Poetry; Female Poetry; Latin American Literature.

As histórias das artes e ciências, em geral, estão repletas de nomes de personalidades que por motivos específicos alcançaram e ocupam lugar de destaque em suas áreas, passando a integrar um seleto grupo que virá a ser considerado célebre pelos estudiosos que se dedicam ao assunto.

Na literatura, portanto, o processo é semelhante: um autor determinado é considerado canônico ou “clássico” dependendo de fatores como a recepção de sua obra pelo público e a ação de análise da crítica literária, que possui papel central no estabelecimento do cânone, validando ou não a sua produção.

O debate do cânone literário permanece nos dias de hoje questão bastante polêmica, havendo número considerável de textos³ problematizando a função dos críticos, a crítica convertida em dogmatismo, os critérios de avaliação e a validação de uma dada obra em detrimento de outras.

Apesar desses quesitos, muitos autores, ao longo da história das variadas literaturas orientais e ocidentais, dificilmente alcançam amplo reconhecimento do público e suas obras não se tornam objeto de estudo crítico por motivos relacionados a distintos tipos de discriminação: étnico-racial, de gênero, de classe, de região, por exemplo.

No Uruguai, país do Cone Sul, na América Latina, o que se pode chamar de discriminação literária de autores negros está inevitavelmente relacionada

³ Reflexões nesse tópico podem ser encontradas em: KOLBAS, E. Dean. *Critical Theory and the Literary Canon*. Colorado: Westview Press, 2001. p. 25-58. E em: ROCHE, Mark William. *Why Literature matters in the 21st Century*. New Haven, CT: Yale University Press, 2004. p. 249-259.

com a situação da população afro que enfrenta a resistência de uma sociedade cuja postura tem sido mais de distanciamento e apatia que de reconhecimento do valor das obras e dos autores concentrados em um círculo cada vez mais reduzido e que os invisibiliza.

Esta palavra, afinal, é bastante mencionada em discussões sejam acadêmicas ou não para se referir ao comportamento demonstrado pelos uruguaiois não-negros diante da cotidiana e constante segregação racial ainda em curso no país.

Se o processo de abolição da escravidão no Uruguai, que culminou na lei promulgada em dezembro de 1842, formalizou o seu fim, seus efeitos reais de integração para a população negra do país não parecem ter sido satisfatórios em razão de esta ainda ser vítima de preconceitos e, a partir daquele momento, também de exclusão social.

A leitura da história uruguaia demonstra que, na verdade, a regulamentação do fim da escravidão ocorreu em etapas: tem-se a promulgação, em Montevideo, no dia 15 de dezembro de 1842 de uma abolição “parcial”, mais interessada no recrutamento de indivíduos para o serviço militar; e na data de 26 de outubro de 1846, em Miguelete, o Senado e a Câmara de Representantes da República Oriental do Uruguai decretam, de fato, o fim da escravidão em todo o território nacional.

Entretanto, para Valdés (1965, p. 128) “o destino do negro, em nosso país, foi o de passar da escravidão ao quartel. As mesmas leis nacionais determinaram legalmente o destino de uma coletividade que ia passar da opressão do amo à disciplina de quartel”. Por sua vez, alguns periódicos afro-uruguaiois como o *Nuestra Raza* reconheciam e celebravam o dia 12 de dezembro como a verdadeira data da abolição da escravidão.

Consultando-se o entendimento mais recente no país a respeito do combate à discriminação da população afro-uruguaia, tem-se que a Lei n.

17.817⁴, de 2004, regulamentada pelo Decreto presidencial n. 152⁵, estabeleceu as diretrizes para a luta nacional contra o racismo, a xenofobia e quaisquer outras formas de discriminação.

Além disso, a Lei n. 19.122⁶, de 2013, tratou de estabelecer ações afirmativas através das quais a população afrodescendente pudesse ter participação efetiva e acesso garantido nas áreas da educação e do trabalho.

Em 2018, a Agência de notícias EFE⁷ publicou reportagem na qual anunciava ação do governo uruguaio para combater o racismo no país através do Plano Nacional da Equidade Racial e Afrodescendência, detalhado no documento elaborado para o quadriênio 2019-2022.⁸

Para Federico Graña, Diretor Nacional de Promoção Social, na reportagem, não apenas o abismo social entre brancos e negros ainda persiste como um dos maiores desafios é a naturalização do racismo e, por outro lado, a impossibilidade de a sociedade uruguaia compreender e aceitar outras formas de manifestação artística e expressões culturais.

Um olhar no passado expõe que tais avanços legais vêm sendo demandados há bastante tempo, pois diante desse contraponto histórico e a fim de se posicionarem na contramão dessa postura segregacionista, surgiram

⁴ URUGUAY. Ley Nº 17.817. Lucha Contra el Racismo, la Xenofobia y la Discriminación. Montevideo, 6 de Setiembre de 2004. Disponível em: <<https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp7871908.htm>>. Acessado em: 04/08/2020.

⁵ IMPO. Centro de Información Oficial. *Decreto Nº 152/006*. 30/05/2006. Disponível em: <<http://www.impo.com.uy/bases/decretos/152-2006>>. Acessado em: 04/08/2020.

⁶ URUGUAY. Ley Nº 19.122. Afrodescendientes. Montevideo, 21 de Agosto de 2013. Disponível em: <<https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp1957041.htm>>. Acessado em: 04/08/2020.

⁷ AGÊNCIA EFE. Uruguay busca acabar con el racismo con un Plan Nacional de Equidad Racial. *EFE*, Montevideo, 20 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.efe.com/efe/cono-sur/politica/uruguay-busca-acabar-con-el-racismo-un-plan-nacional-de-equidad-racial/50000818-3697626>>. Acessado em: 04/08/2020.

⁸ Disponível em: <<https://www.gub.uy/ministerio-desarrollo-social/politicas-y-gestion/planes/plan-nacional-equidad-racial-afrodescendencia>>. Acessado em: 04/08/2020.

ainda na primeira metade do século XX publicações periódicas cuja intenção foi de contribuir para o reconhecimento e o fortalecimento da cultura afro-uruguaia, para a educação e informação desta população bem como para a divulgação das produções literárias de seus autores.

Entre os periódicos desse período podem ser citados o *Nuestra Raza* cujo principal editor foi Pilar E. Barrios (Montevideo, 1933)⁹; o *Acción* (Melo, 1934), editado por Juan Jacinto Ferrán e Carlos M. Pérez; o *Rumbos* (Rocha/Montevideo, 1938), sob a responsabilidade de César A. Techera; o *Orientación* (Melo, 1941), editado por Carlos M. Pérez Morales; a *Revista Uruguay* (Montevideo, 1945) tendo por editor Ignacio Suárez Peña.

Do acesso aos seus respectivos acervos pôde-se constatar que *Rumbos* foi o que seguiu uma orientação mais incisiva de jornalismo, pois há diversos artigos de opinião contendo críticas a editores de outros jornais, revistas e associações afro-uruguaias como ao CIAPEN (Círculo de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores Negros), questionando sua existência como órgão de representação da coletividade negra no país (SORDO, 1949).

Essas críticas, possivelmente, foram reflexo do desligamento do editor César A. Techera dessa associação, o que foi comunicado no *Nuestra Raza* (MENDEZ; FERNANDEZ, 1947), aproximadamente dois anos antes daquela matéria. No entanto, as críticas de Techera à associação já vinham se estendendo antes de seu desligamento e se acentuaram bastante após esse evento.

A importância da imprensa para o conhecimento da literatura afro-uruguaia é amplamente reconhecida por autores dedicados ao tema como Lewis (1983; 2003), Young (1991; 2002; 2004) e Palermo (2019), pois permitiu

⁹ Os nomes entre parênteses indicam o local de base da publicação e o ano corresponde ao início das atividades do referido periódico, contando a publicação do número 1. *Nuestra Raza* iniciou suas atividades, originalmente, em 1917, baseado na cidade de São Carlos, publicando 30 números de 10 de março a 31 de dezembro e retornando somente em 1933. Edições disponíveis em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70010>>.

tanto no passado quanto nos dias de hoje o acesso, mesmo que parcial, aos textos dos escritores Virginia Brindis de Salas, Pilar E. Barrios, Juan Julio Arrascaeta, Carlos Cardozo Ferreira, considerando-se que dessa lista apenas os dois primeiros alcançaram o feito de publicar suas obras em livros independentes, enquanto os demais e outros nomes constarão apenas em coletâneas de autores uruguaios ou afro-uruguaios, estes últimos em reuniões como a *Antología de la poesía negra americana* de Ildfonso Pereda Valdés e a *Antología de poetas negros uruguayos* de Alberto Britos Serrat.

Um desses outros nomes foi Julio Guadalupe, escritor de algum destaque na época com artigos de opinião e poemas publicados em diversos periódicos. A despeito de não se ter registro de obras publicadas por ele¹⁰, foi anunciado em *Rumbos* (TECHERA, 1948) que o livro de sua autoria *Made in USA (Memorándum Poético)* logo seria publicado.

Guadalupe (1941, p. 4), cujo nome estará envolvido em polêmica com Salas, publicou artigo em *Rumbos* intitulado *Negros en el Uruguay* no qual tecia severa crítica à “sensação da não existência de população negra no território [uruguaio]”, ressaltando que esta deveria “pensar um pouco menos em centros recreativos e ocupar-se um pouco mais da obra cultural”, acentuando que, diante das evidências, parecia ser verdade a afirmação de não haver “cultura negra em nosso Uruguai” já que os trabalhos existentes são de autoria de “um branco: o Dr. Ildfonso Pereda Valdés, autor da ‘Antologia negra’”, mas a crítica de Guadalupe, por outro lado, reflete a série de dificuldades dos afro-uruguaios para afirmar sua identidade e seu lugar na estrutura social do país.

Esse espaço mínimo para divulgação e a dificuldade de publicação nesse período, sabendo-se dos constantes apelos feitos pelos editores daquelas revistas para a contribuição dos assinantes a fim de se manterem ativas, e

¹⁰ Conforme se conferiu no sítio dos autores uruguaios. Disponível em: <<https://autores.uy/autor/4440>>. Acessado em: 04/08/2020.

algumas encerraram atividades por esse exato motivo, falta de recursos¹¹, são comentados por Valdés (1965, p. 213) quando acentua que para esses escritores, no Uruguai, as portas das editoras estavam fechadas, além do mais, “não foram premiados em concursos literários, ainda que como estímulo e ainda não encontraram o apoio necessário do Estado”, ou seja, estavam abandonados aos próprios esforços, contando com recursos e apoio da coletividade *conrazánea*¹².

Pesa ainda mais o fato de a maioria ser autodidata nos ofícios que exercia em razão da já mencionada discriminação enfrentada e porque, de acordo com as entrevistas conduzidas pela jornalista Alicia Behrens (apud LEWIS, 1983, p. 11), em 1956, o acesso a postos de trabalho tornava-se duplamente complexo para um afro-uruguaio, se se tratasse de emprego em que houvesse “contato direto com o público”, restando a esse as posições mais inferiores “como porteiro, lavador de pratos ou cozinheiro”.

Nesse cenário de lutas por valorização e afirmação culturais, a obra de Virginia Brindis de Salas é digna de nota por representar um divisor de águas em muitos sentidos para a literatura uruguaia: trata-se de uma mulher negra, a primeira no país de que se tem notícias, a publicar dois livros de poesia, *Pregón de Marimorena* (1946; 1952) e *Cien Cárceles de Amor* (1949)¹³; que obteve o reconhecimento do círculo de intelectuais dos meios por ela frequentados e sua poesia recebeu elogios de autores como a poeta chilena e premiada com o Nobel de Literatura, em 1945, Gabriela Mistral (1949); que demonstrou prevalecer mesmo no interior da cultura negra o patriarcalismo tão denunciado por esta

¹¹ Young (1991) menciona que o motivo de *Nuestra Raza* haver encerrado suas atividades em 1917 foi devido aos escassos recursos financeiros. O *Orientación*, por exemplo, incluía em suas edições o seguinte anúncio: “Contribuya al sostenimiento de ‘Orientación’”. Alguns desses periódicos traziam mais páginas com anúncios que notícias como forma de manterem-se ativos.

¹² Termo constantemente empregado nos periódicos citados.

¹³ Lewis realizou análise dos poemas de *Pregón* em seu livro de 1983, e de *Cárceles*, no livro de 2003. Outros estudos da poesia de Virginia constam em Johnson (1984), com crítica à análise negrista efetuada por Lewis, e em Young (2003).

nas páginas de seus periódicos em relação aos demais, pois tem-se sustentado que ela foi vítima de um processo de apagamento literário.¹⁴ Essa afirmação pode, ademais, ser comprovada pela consulta aos periódicos *Nuestra Raza*, *Acción* e *Revista Uruguay* e a comparação do espaço dedicado aos dois poetas negros publicados.

Enquanto no *Nuestra Raza* o espaço disponível para a divulgação da obra de Virginia se reduziu a uma página e meia, aproximadamente, no número 149 (PRINCE, 1946), a uma coluna no número 153 (BRITOS, 1946) e, novamente, a uma coluna no número 154 (BARRIOS; CABRAL, 1946), comentando o lançamento do livro, Pilar Barrios recebeu a capa da edição número 168 (BARRIOS; CABRAL, 1947) e nas seguintes seu livro foi objeto de comentários, resenhas e forte publicidade.

No *Acción*, a diferença permanece e a autora será citada pelo periódico sem muito destaque e esporadicamente no número 23 com a resenha de *Pregón* (FERRAN, 1946), no número 1 (FERRAN, 1947) como colaboradora da publicação e número 19 com o anúncio do lançamento de *Cien Cárceles* (FERRAN, 1949).

Por sua vez, Pilar Barrios (1948), além de outras menções, sucessivas homenagens e matérias louvando a publicação de *Piel Negra*, seu primeiro livro, teve seu discurso de lançamento do livro reproduzido no número 13/14, ocupando uma página inteira.

Na *Revista Uruguay*, o quadro é o mesmo. O nome de Virginia surge no número 24 (MONTERO, 1947), em notícia sobre o CIAPEN, do qual era integrante desde a fundação em 1946¹⁵ e o maior destaque dado pela revista à

¹⁴ Esse é o foco do livro *Rompiendo silêncios* (2013), da jornalista uruguaia Isabel Oronoz sobre a vida e a poesia de Virginia Brindis de Salas, conforme a resenha de Cabral (2013). Não foi possível o acesso ao livro.

¹⁵ A notícia, no número 15, informa que “por iniciativa do jornalista rochense César A. Techera”, se constituiu a dita associação, contando entre seus membros com “a senhora Virginia Brindis de Salas” (PEÑA, 1946a, p. 12). No número 17, é publicado texto no qual são homenageados o

autora está no número 40 (MONTERO, 1948) em um minúsculo informe de fim de página sob o título *Conferencia de la Sra. Brindis de Sala* no qual se comenta a leitura feita por ela do ensaio *Mis dos tíos ilustres*, constante em seu segundo livro (SALAS, 1949).

Por outro lado, Pilar Barrios recebeu diversos comentários laudatórios nas páginas do periódico e, no número 36, em entrevista de uma página e meia, Ceferino Nieres (1948, n.p.), que também contribuiu no periódico *Nuestra Raza*, parecendo ignorar a obra de Virginia, chama-o de “o autêntico primeiro poeta negro do Uruguay” e isso, por si, é demonstrativo de como entre a própria comunidade literária afro-uruguaia sobressaía-se uma espécie de jogo do válido *versus* inválido, digno de reconhecimento ou não, pois faltam notícias de outros escritores que não os dois a publicar e, a despeito dos desafios frequentes, por que os mesmos editores ou apoiadores dos livros de Barrios não se dispuseram a favor das escritoras¹⁶ que tiveram seus textos divulgados nas páginas do *Nuestra Raza*? Talvez este seja um questionamento que seguirá em aberto.

Sobre a discriminação no interior da própria comunidade afro-uruguaia, diagnosticando que não se trata de um fenômeno apenas externo, ou seja, limitado aos atos dirigidos pelos não-negros aos afro-uruguaianos, Oronoz (apud CABRAL, 2013, p. 219) afirma que “este mesmo mundo negro que chora a discriminação vinda de fora, também discrimina por dentro.”

Cristina Cabral, pesquisadora e poeta afro-uruguaia, comenta, em entrevista, a existência de uma divisão na comunidade negra em seu país, dizendo que foi quando esteve no Brasil, na década de 1980, que se descobriu negra, pois no Uruguai sua vida e formação se passaram a partir de uma perspectiva branca, apesar de ser neta de Elemo Cabral – um dos fundadores do

artista Pedrito Ferreira e Virginia Brindis de Salas. Há apenas uma menção ao nome da poeta e pelo conteúdo do anúncio todas as atenções se voltaram para Ferreira (PEÑA, 1946b).

¹⁶ Algumas escritoras cujas composições figuraram nas páginas de *Nuestra Raza* foram: Maruja Pereyra, Maria Selva Escalada, Amparo Aguirre Barrios, Iris María Cabral.

Nuestra Raza – e foi nesse momento que se apercebeu, pela primeira vez, do grau de ignorância não apenas da população não-negra, mas dos próprios afro-uruguayos no que diz respeito à discriminação por ter precisado refletir sobre qual o lugar dos negros no Uruguai, não ocupando postos militares, por exemplo, mas de porteiros, faxineiros etc. (VALERO, 2016).

Ainda é preciso dizer que, em todos os cinco periódicos, Pilar Barrios teve vários poemas publicados, enquanto Salas, pelo apurado, publicou dois no *Nuestra Raza*, dos quais se há de apresentar explicação mais adiante e apenas três no *Acción*: o poema *Mi corazón*, que estará no seu segundo livro, consta no número 11 (SALAS, 1944)¹⁷; *Ausencia* aparece no número 15, mês de abril (SALAS, 1945a), este e o anterior estão assinados por Iris Virginia Salas; *Tus ojos*, no número 15, mês de outubro, assinado apenas Iris (SALAS, 1945b). Neste último número, na coluna *Cumpleaños*, o periódico a felicita pela passagem de seu aniversário, no dia 18 de setembro, e esse é um outro problema encontrado em sua biografia.

Menções ao nome da autora ocorreram sempre de modo breve e sem muito destaque nos cinco periódicos. *Rumbos*, número 4, por exemplo, a cita na reportagem sobre as homenagens pela passagem de um ano de falecimento do intelectual Aguedo Suárez Peña, sob o título *La emocionada palabra de una dama* diz: “A senhora Virginia Brindis de Salas, em poucas palavras, depositou com delicada ternura o grande afeto e dor que causa tão irreparável perda.” (TECHERA, 1949, n.p.)

Esparças são as informações a respeito de sua relação familiar e formação e páginas *on-line* vêm reproduzindo um perfil biográfico, em diversos

¹⁷ Lewis (2003) é preciso nas informações ao citar a publicação do poema nesse periódico, identificando apropriadamente os seus dados. Burgueño (2007, p. 281) recorre a informações de segunda mão, escrevendo: “Miriam de Costa Willis (*sic*) menciona que seu primeiro poema, ‘Mi corazón’, publicou-o no diário ‘Acción’ de Melo, como Iris Virginia Salas, e que logo assumiu o nome Virginia Brindis de Salas”. As versões do periódico e do livro possuem diferenças entre si na distribuição dos versos, na pontuação e na adição de versos para o livro.

idiomas, que contém seguidas inconsistências diante do que se verificou pela consulta aos números disponíveis dos cinco periódicos e essas inconsistências estão reforçadas mesmo em publicações acadêmicas.

Esse perfil basicamente afirma que Virginia Brindis de Salas, nascida Iris, em 1908, em Montevideo, e falecida em 1958, na mesma cidade, atuou ativamente como colaboradora para o periódico *Nuestra Raza*, em sua segunda época (1933-1948); participou da fundação do Partido Autóctono Negro (PAN) do Uruguai e foi a primeira mulher negra em toda a América Latina a publicar um livro ou a primeira a publicar um *poemario*, e há comentários que põem em xeque a autoria de ambos os livros publicados por ela, dando certeza de serem autores, entre outros, Julio Guadalupe.

Primeiramente, sobre as datas de nascimento e morte, Burgueño (2007) inclui em seu artigo a informação de que Virginia teria nascido em 1916; Bustamante (2017) menciona que a data de nascimento seria 10 de outubro de 1907 e o falecimento em 6 de abril de 1958, mas em Buenos Aires (Argentina); Oronoz (apud CABRAL, 2013) aceita o ano de 1908 como o do nascimento, em Montevideo, e 1958 como o da morte dizendo que a poeta está enterrada em alguma parte do cemitério de La Chacarita, em Buenos Aires. Young (1993) e Lewis (2003), sem fazer qualquer referência a lugar, incluem em seus trabalhos como datas de nascimento e morte, respectivamente, 1908 e 1958.

Em outro momento, Young (2003, p. 11) diz que

Infelizmente, pouco se sabe sobre sua vida: sua data de nascimento, por exemplo, tem sido registrada como 1908 e 1920. Janheinz Jahn escreve que Brindis de Salas nasceu em Montevideo em 1920, de José Brindis de Salas, mas o autor não fornece o nome de sua mãe. Até o presente, a única data disponível de morte é 1958.

Então, apesar de algumas discordâncias, parece haver um apontamento para os anos em que a poeta teria nascido e morrido. Os dia e mês de falecimento ainda são postos em dúvida, mas pela notícia do *Acción*, acima, ao menos se pode crer que 18 de setembro corresponderia ao dia e mês do seu nascimento.

Passando para a segunda afirmação de seu perfil biográfico, que ela teria ativamente colaborado com o *Nuestra Raza*, crê-se que esse é um equívoco relacionado ao nome Iris, pois, de fato, houve colaboradora do jornal assim chamada, no entanto, tratava-se de Iris María Cabral.¹⁸ Dos cinco periódicos, o único que lista Virginia como colaboradora é o *Acción*, em texto intitulado *Nuestros colaboradores*, informa o nome da “senhora Iris Virginia Brindis de Salas.” (FERRAN, 1947, n.p.)

De sua participação como fundadora ou membro do PAN, não há qualquer evidência que sustente tal afirmação nos periódicos ou na bibliografia de referência. “O partido foi criado em junho de 1936, teve reconhecimento oficial em 5 de janeiro de 1937, organizou-se em 9 de janeiro de 1937 e foi desmembrado em julho de 1944” (LEWIS, 1983, p. 26).

Por outro lado, essa organização política esteve afiliada ao jornal de Barrios, além disso, o poeta ocupou nela o cargo de secretário utilizando o espaço do periódico para divulgar a existência e a necessidade de apoio da coletividade negra ao partido, pelo visto, sem alcançar sucesso nessa empresa dado o encerramento das atividades do órgão político.

A respeito das associadas dos jornais da coletividade negra envolvidas no PAN, Young (2004, p. 36) assegura que Maruja Pereyra não apenas foi membro, mas “organizou a ala feminina do partido”, em um esforço para dar

¹⁸ No número 134, Ferreira (1944) cita como colaboradoras do jornal: María Esperanza Barrios, Iris María Cabral, Felina Díaz, Maruja P. Barrios, Margarita Urbane de Mansilla, Nora Tavarez, B. Pérez, Ibis del Puerto de Dotti.

prosseguimento à luta “por justiça social” iniciada em conjunto com Iris M. Cabral, falecida em 1936.

No número 35 do *Nuestra Raza*, quando se anunciou a morte da colaboradora em texto intitulado *A Iris Cabral*, Virginia, assinando Iris Virginia Salas, escreve:

Nossa raça perdeu um alto valor com a morte de Iris Cabral. Deixa um vazio profundo difícil de preencher. Quando tanto se esperava de ti, a morte inexorável com sua foice te arrancou do seio de teus familiares que te choram sem consolo e que não te esquecerão jamais (SALAS, 1936, p. 2).

A menção bastante compartilhada nas biografias *on-line*, nos periódicos e em alguns estudos acadêmicos de que Virginia teria sido a primeira escritora negra a publicar um livro na América Latina esbarra no problema da informação com tons definitivos.

Nesse quesito, Lewis (1983, p. 13), em caráter assertivo, diz que “Virginia Brindis de Salas é a primeira escritora negra na América do Sul a ter dois volumes de sua poesia publicados e distribuídos abertamente”. Ao seu turno, Young (1993, p. 26) é cuidadosa em delimitar a afirmação reconhecendo que Virginia “é considerada a primeira escritora negra do Uruguai”.

Não há dúvida de a proposição de Lewis estar amparada tanto no depoimento de Guadalupe (1952, p. 8), no prólogo do primeiro livro de Virginia, que diz ser ela a “primeira e única poeta negra – até o presente – que com esta obra sai do anonimato, é, além disso, a primeira poetisa do Rio da Prata” e na resenha de Britos (1946, n.p.) na qual o crítico assevera: “Virginia Brindis de Salas é nossa primeira e única poetisa negra talvez de todas essas regiões e se apresenta com um livro cheio de beleza, rebeldia e revelada consciência”.

Já nesse texto, Britos (1946, n.p.) deixa transparecer sua predileção mais por Julio Guadalupe, amigo de longa data, pois desvia o foco de análise da obra de Virginia para se concentrar na enumeração dos motivos pelos quais discorda de certos comentários feitos por Guadalupe, no dito prólogo, finalizando com expressivo elogio ao poeta “que com grande talento e carinho abriu o livro”.

À luz desses elementos, pensa-se que tal afirmação do pioneirismo de Virginia somente seria possível se se tivesse à disposição dados seguros de toda a produção afro-latino-americana de autoria feminina, afinal, a título de exemplo, em 1859, a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis publicava seu romance *Úrsula* e, em 1871, um livro de poemas, os *Cantos à beira-mar*.¹⁹

A antecedência dos anos das publicações da brasileira não sustenta nem a afirmação de Virginia ter sido a primeira mulher negra a publicar um livro nem a primeira a publicar um livro de poesias no cenário latino-americano, o que não deve de nenhuma forma diminuir a sua importância para a literatura negra em seu país de origem e no panorama continental.

O último aspecto, que põe em xeque a autoria dos livros por Virginia, tem justamente na figura de Alberto Britos o ponto de ancoragem, pois o crítico uruguaio, na introdução de sua *Antología*²⁰, duramente se dirige contra a poeta, em sucessivos movimentos, transparecendo a intenção de excluí-la completamente da literatura uruguaia, dizendo ter dúvidas sobre a autoria de ambos os livros e que essa dúvida seria resultado de contato com quem os viabilizou e com o verdadeiro autor: Julio Guadalupe.

Necessário citar que em outro periódico afro-uruguaio, o *Bahia-Hurlan-Yack*, número 39, ao escrever matéria sobre Pilar Barrios, Britos (1990, p. 11)

¹⁹ Dissertações e teses a respeito da vida e obra da escritora, inclusive contendo detalhes das datas de publicação de seus livros podem ser acessadas em: <<https://mariafirmina.org.br/dissertacoes-e-teses/>>. Acessado em: 04/08/2020.

²⁰ Cf.: SERRAT, Alberto Britos. *Antología de poetas negros uruguayos*, volume 1. Ediciones Mundo Afro, 1990. p. 12.

cita Marvin A. Lewis e acrescenta: “Conhecemos até o momento suas conferências sobre os maiores poetas uruguaios Pilar Barrios, Juan Julio Arrascaeta e Julio Guadalupe”, omitindo, propositalmente, o nome de Virginia, sendo que os poetas aos quais Lewis mais dedicou tempo e espaço para discussão foram justamente Salas e Barrios.

Essa é a estratégia na qual reside explicitamente a tentativa de apagamento de Virginia de que fala Young (1993, p. 27), pois em estudo pondo frente a frente Guadalupe e Salas, algumas possibilidades para seu “esquecimento” são apresentadas: a espiral de crises experimentada pelo Uruguai entre 1948 e 1960 não apenas dificultou as condições de vida como tornou impossível a disponibilidade de recursos para ações literárias, explicando-se por que seu terceiro livro, *Cantos de lejanía*, jamais tenha sido publicado e, principalmente, porque “sua raça, seu gênero e sua atitude militante serviram como dissuasivos para uma carreira literária de sucesso e um futuro no Uruguai.”

Alguns questionamentos mínimos, mas indispensáveis, sobre esse episódio, precisam ser feitos: por que a demora de Britos, esperando aproximadamente trinta anos, para denunciar a suposta fraude cometida por Virginia, que naquela altura, entre as décadas de 1980 e 1990, não podia mais apresentar qualquer defesa? Por que Guadalupe não se pronunciou na época das publicações, década de 1940, quando se percebe pelo tom de seus textos como era contrário à apatia da coletividade negra diante da escrita de sua própria história cultural e que dispunha de espaço para tanto, visto seus poemas e artigos de opinião estarem presentes em muitos dos periódicos do tempo? Por que Valdés arriscaria suas credenciais acadêmicas incluindo a poeta afro-uruguaia na segunda edição²¹ de sua *Antología* se não estivesse certo de que se tratava da verdadeira autora daquelas obras?

²¹ Cf. VALDÉS, Ildefonso Pereda. *Antología de la poesía negra uruguaya*. B.U.D.A., 1953. p. 190.

Aliado a isso, o fechamento da questão da autoria reside no argumento de que há um evidente problema de perspectiva quando comparados os textos de ambos os autores, enquanto Guadalupe é um poeta branco negrista que escreve dessa perspectiva sobre como é ser negro, portanto, externa; Salas, poeta afro-uruguaia, escreve de uma perspectiva interna e isso se reflete nas suas respectivas compreensões de mundo e nos seus entendimentos de uma voz poética que quer ser negra *versus* uma voz poética que é negra, de acordo com Young (1993, p. 30) cuja conclusão é categórica ao dizer que “Virginia Brindis de Salas é a autora do documento [*Pregón*] e Britos é outro exemplo de tentativa de destruir sua reputação após a morte dela.”

Lewis (2003, p. 87), por sua vez, expressou firme contraposição a Britos, ao comentar que entrou em contato com Guadalupe para solicitar permissão de direitos autorais a fim de poder citá-lo no estudo que viria a publicar em 1983, ocasião em que Guadalupe poderia, mas não refutou a autoria de qualquer texto atribuído a Salas ou reclamou para si as obras publicadas sob o nome desta e que se ele é o autor e não o editor de ambos os livros teria “muito que explicar à comunidade acadêmica no que diz respeito à ética da publicação”. Lewis ainda reforça, na mesma passagem, que os argumentos de Britos são extremamente frágeis e baseados em testemunhos de segunda mão.

Acreditando-se que esses equívocos sobre a vida da poeta podem ser dados como esclarecidos, mesmo que parcialmente, cabe passar para a consideração de outros elementos biográficos e traços de personalidade obtidos através dos periódicos, por meio das palavras de quem conviveu diretamente com ela.

A primeira menção pública ao nome de Virginia Brindis de Salas, pelos dados colhidos, ocorreu no periódico *Nuestra Raza*, número 8, na coluna *Notas de Arte*, intitulada *Una Cantante*, informação também compartilhada por Bustamante (2017) que expõe o contentamento dos membros da revista com a

visita de Virginia, jovem de destacável cultura e de apurado senso artístico. E prosseguem:

A senhorita Brindis de Sala partiu no dia 20 do mês corrente para Buenos Aires, contratada vantajosamente pelo Sr. Casaravilla Sienra, para atuar como cantora na Rádio Nacional de Buenos Aires, feito noticiado pela imprensa, tecendo elogios a respeito, que refletem honra sobre a nossa compatriota (BARRIOS et al., 1934, p. 7).

Dada a notícia, nota-se que nessa época Virginia ainda não era casada, por ter recebido o tratamento de senhorita, e que além de ter se envolvido em ações literárias também manteve contato com atividades musicais e, como será mencionado em outros textos jornalísticos, era dotada de excepcional cultura e intelecto. Contudo, não se obteve nenhuma outra menção à sua atuação como cantora nos anos seguintes tampouco se tem conhecimento de como foi sua estadia na capital argentina, quanto tempo permaneceu e quando retornou.

De sua filiação, Bustamante (2017, p. 12) sustenta que seus pais foram “José Salas e María Blanca Rodríguez”, casou-se no ano de 1938 “com Carlos Zolla e teve duas filhas”, cursou o ensino primário e já adulta foi funcionária inicialmente “no antigo S.O.Y.P (Serviço de Oceanografia e Pesca), e, em seguida, como administradora nas oficinas de O.S.E (Obras Sanitárias do Estado)”.

Após isso, no mesmo número do *Acción* em que se publicou o poema *Mi corazón*, consta uma notícia intitulada *Grata visita*, informando de sua primeira estada na sede do periódico, no início de abril de 1944, na qual Virginia já é chamada de senhora, ocasião em que entregou aos editores folhas com poemas para serem publicados.

É provável que outros tenham sido publicados no periódico, em números aos quais não foi possível o acesso, pois naquele com o anúncio do lançamento de *Pregón*, ela é novamente citada como colaboradora; ressalta-se ter sido o

Acción o primeiro a chamá-la poeta e que durante sua segunda visita à cidade de Melo, sede do jornal, em outubro de 1945, compareceu como representante legal da *Compañía Nacional de Comedias de la Raza Negra “Julián García Rondeau”*, cuja nomeação e os resultados forma comentados no número 16.

O *Acción* também confirma, em coluna de título *Información que prometimos*, que Virginia estava acompanhada de “sua pequena Ungét” (FERRAN, 1945, n.p.), nome que se aproxima do título de poema incluído no primeiro livro, em *Cantos*.²² Oronoz (apud CABRAL, 2013) explica que Unguet é como se chamava a filha mais nova de Virginia.

Quando Prince (1946, n.p.) escreve sobre a poeta, apresentando pela primeira vez mais detalhes de sua biografia, pois comenta que esteve na casa da “Sra. Brindis de Salas de Zolla”, afirma que ela é digna de pronto reconhecimento dada a sua respeitável ascendência, “visto que é filha daquele grande pintor negro” chamado José Brindis de Salas, sobrinha de Claudio Brindis de Salas, o violinista cubano melhor reconhecido pelo seu virtuosismo como “Paganini Negro” e aparentada de Gabino Ezeiza “o famoso cantador do Prata”, lamentando que seja mais reconhecida em Buenos Aires e em Melo, portanto, “longe de sua cidade natal”, não deixando de destacar que “Virginia, como carinhosamente a chamamos” é dotada de agudo senso moral e “altamente humana e filantrópica”, talvez dando a resposta do porquê sabe-se tão pouco dela e muito de outros contemporâneos: “Porque sua natureza extremamente modesta e reservada não a tem permitido exhibir-se exitosamente”.

O colunista finaliza a matéria fazendo referência a dois poemas, *Extasis* e *Idilio*, “uma oferenda de amor que arrancamos da humildade característica de Virginia e que embelezarão o álbum poético de NUESTRA RAZA, prédica e

²² No poema, leem-se os versos: “Niña mi niña / recental de viejos seres / nacidos en la manigna.” (SALAS, 1952, p. 55)

difusão da cultura negra”, assinando a notícia e, a seguir, reproduzindo ambas as composições (PRINCE, 1946, n.p.).

Tratam-se de textos que se assemelham bastante pelo estilo e vocabulário aos outros poemas disponíveis no *Acción*, igualmente se assemelhando a algumas composições de *Cien Cárceles*, mas que não constam em nenhum dos livros publicados pela poeta bem como não se encontraram indícios de terem sido mencionados por nenhuma das fontes consultadas, motivo pelo qual se os exporá, exceto pela sua publicação nos periódicos, acredita-se, pela primeira vez.

Entretanto, um esclarecimento antes da reprodução dos poemas faz-se necessário, *Ausencia* e *Tus ojos*, dos quais já se forneceram detalhes, não apresentam maiores desafios quanto à autoria, pois um está devidamente atribuído à poeta (Iris Virginia Salas) e o outro, ainda que a autoria apenas identifique Iris, pelo conhecimento de sua visita ao periódico, do contato que manteve com os editores, do gesto de entregar-lhes poemas para serem publicados e de não se ter informações de outra colaboradora de nome Iris naquele jornal, reforça a evidência de pertencer à Virginia.

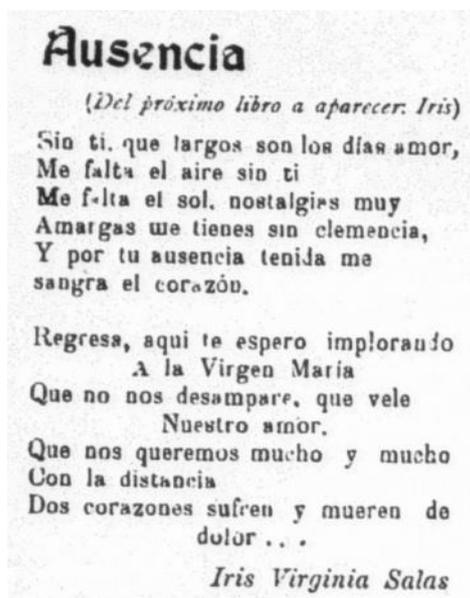
Os dois textos divulgados por Prince (1946, n.p.), após a matéria sobre a poeta, poderiam levantar questionamentos pela autoria não estar apropriadamente identificada e, por isso, pertencerem ao próprio jornalista.

No entanto, não apenas o texto de fechamento da reportagem, citado acima, indica tratem-se de composições cedidas por ela após alguma insistência, dada a sua “humildade característica”, apontando em ambos os poemas “o clássico romantismo que, em seu tempo, simbolizara Becquer, e trazendo-nos essa musicalidade suave que reproduz a existência de uma alma e um espírito paradoxalmente terno para um presente tão prosaico”, como o prólogo de Guadalupe (1952, p. 8) parece fazer referência exatamente a esse

comentário de Prince²³, quando diz que: “É por isso – por seu novo realismo – que [Virginia Brindis de Salas] está muito próxima de Clara Béter e muito distante das becquerianas e do retilíneo da velha escola [romântica]”. Pretendendo contrapor a classificação dela como poeta romântica e, dadas as suas convicções a respeito, elevá-la à categoria de poeta da causa negra por excelência.²⁴

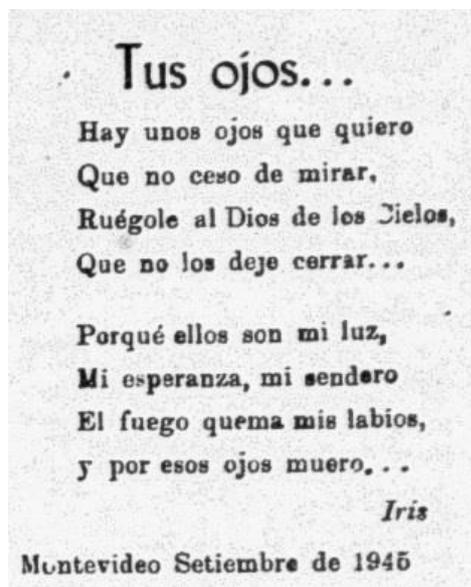
Desse modo é que se compreende pertencerem a ela e não a Prince os poemas *Extasis* e *Idilio* a serem expostos após *Ausencia* e *Tus ojos*, em conformidade com o que fora publicado nos respectivos periódicos, portanto, dispondo-os para que estejam visíveis aos olhos do público.

Figura 1 – Poema no *Acción*, n. 15, abril.



Fonte: Salas (1945a, n.p.).

Figura 2 – Poema no *Acción*, número 15, outubro.

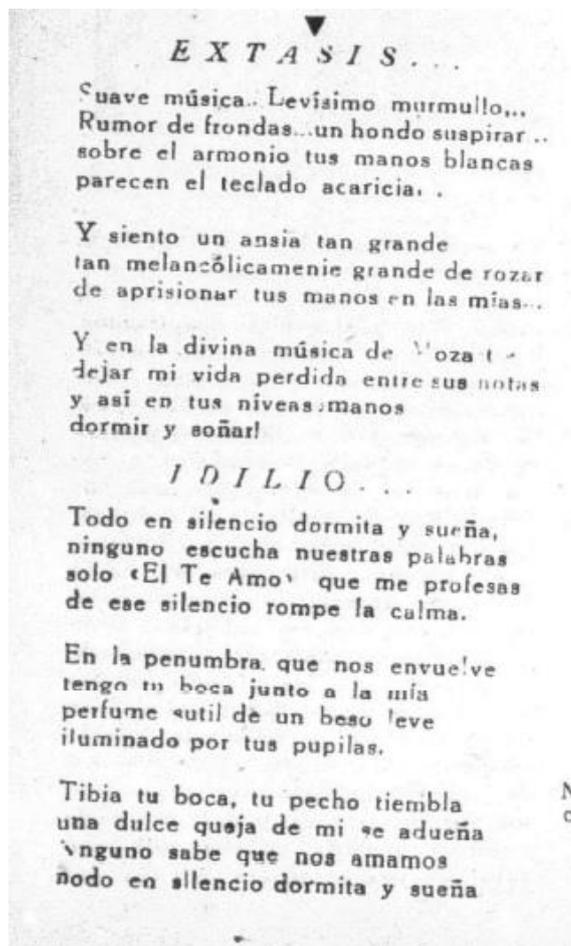


Fonte: Salas (1945b, n.p.).

²³ Enquanto a matéria de Prince é de janeiro de 1946, a resenha de Britos do livro de Virginia, com elogios a Guadalupe, é de maio do mesmo ano.

²⁴ O impulso romântico nos poemas de Virginia também é defendido na análise realizada por Johnson (1984), principalmente de *Cien Cárceles*.

Figura 3 – Poemas no *Nuestra Raza*, número 149.



Fonte: Prince (1946, n.p.)

O estilo romântico desses versos não anula o realismo que possibilitou o reconhecimento dos poemas de *Pregón* pela força de denúncia que contêm, ao contrário, contribui para indicar o ponto de partida literário da poesia de Virginia a caminho daquela lírica social que irá caracterizar a sua produção posterior.

A demora e a angústia descritas em *Ausencia*, por exemplo, possuem o mesmo tom de perda e dor expresso nos versos de *Crisantemos*, quando a noiva,

iludida pelo desejo de se casar, por fim secou, qual flor não colhida e “morreu de amor.”¹

Uma outra evidência do mesmo estilo romântico de escrita pode ser encontrado em *La carta*, poema no qual as promessas feitas pelos amantes de jamais se separarem coincidem com esse segredo contido em *Idilio*, pois “O céu será testemunha / Que nada haverá no mundo / Que possa nos separar.”²

Prosseguindo-se na discussão biográfica, dos periódicos consultados, *Rumbos* e *Orientación* citam Virginia sem qualquer destaque e, principalmente, como membro do CIAPEN; nos demais, as menções ao seu nome, conforme se demonstrou, apesar de não conterem qualquer palavra diretamente ofensiva, mas soando deferentes e respeitosas, em alguns momentos elogiando suas qualidades pessoais e intelectuais e não se crê que por mero artifício, como se notou em outros casos de maior visibilidade, deixam claro o lugar que a poeta não ocupava no cenário literário de seu país.

Virginia, poeta e mulher negra, viveu em uma época de profunda discriminação para a população afrodescendente em termos globais e em um país que sucessivamente fechou os olhos ignorando o cometimento de tantas injustiças contra aquela população, não que isso tenha cessado nos dias de hoje, pelo contrário.

Além do mais, as evidências mostraram que não apenas dos não-negros ela sofreu discriminação e sim daqueles que se identificavam como seus *conrazáneos* cujos efusivos textos defendiam a evolução do negro, sua educação e o fortalecimento de sua cultura, considerando-se como os periódicos da época

¹ “Y sus ilusiones que quedaron trucas, / Como el crisantemo que no se arrancó / Se seco en la planta, Igual que la novia, que murió de amor.” (SALAS, 1949, p. 18).

² “Será testigo el cielo / Que nada habrá en el mundo / Que pueda separarnos” (SALAS, 1949, p. 19). Não sendo o objetivo aqui realizar análise literária, mas manter o foco na biografia da autora, toma-se o posicionamento de não expor qualquer proposta de tradução dos quatro poemas, pois a intenção esteve orientada somente para reproduzi-los e de não se prosseguir na indicações de elementos que se assemelhem entre esses e outros poemas contidos nos dois livros publicados por Virginia. Tarefa que pode melhor ser cumprida em outro escrito.

em diversas ocasiões preferiram ceder espaço em suas páginas para personalidades e autores estrangeiros, aplaudindo e organizando eventos de gala para recepcioná-los, ofuscando a arte de quem estava dentro a todo custo tentando sobreviver de sua própria pena e que finalizou sucumbindo diante da apatia e do desinteresse de seus conterrâneos.

É certo que os responsáveis por qualquer tipo de publicação, jornal ou revista, por exemplo, estão na posse do direito de publicar o conteúdo que acreditarem estar mais alinhado com os seus objetivos e interesses editoriais, não é isso que se questiona, mas é bastante paradoxal que esses periódicos da coletividade afro-uruguaia tenham se proposto uma linha editorial cujo intuito era a defesa do ser negro nessa sociedade e, por outro lado, tenham optado, em determinados momentos, por dar maior visibilidade a autores não-negros ou personalidades estrangeiras em um momento no qual a sua própria expressão cultural ainda se encontrava em processo de formação. Vejam-se, a título de ilustração, as capas do *Nuestra Raza* dedicadas a José do Patrocínio (números 11, junho de 1934; número 46, 30 de maio de 1937), Marian Anderson (números 47, 30 de junho, e 48, 30 de julho de 1937), Franklin Delano Roosevelt (número 140, abril de 1945), Alberto Britos (número 171, novembro de 1947).³

Um episódio particularmente difícil para Virginia deve ter sido aquele narrado no número 39 da *Revista Uruguay* sob o título *Acotaciones sobre un espectáculo*, em evento organizado pela poeta, no dia 17 de junho de 1948, no Instituto Verdi, para angariar recursos a fim de poder prosseguir com a edição de seu primeiro livro.

O autor da matéria reporta a série de problemas enfrentados pela organizadora no desenvolvimento do evento, com a mudança nos horários das apresentações, o que a prejudicou e não correspondia a uma pessoa que

³ Todas as edições do periódico estão disponíveis em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70010>>.

aparentava gozar de tanto prestígio e valor entre os seus, algo que soa contraditório, responsabilizando também a coletividade negra pelo baixo número de presentes, sendo que a metade do público era branca, em um momento tão significativo que tinha por objeto a continuidade da obra de uma autora cujos méritos eram absolutamente inquestionáveis.

Mantendo o tom severo a respeito do resultado do evento, o texto assim finaliza: “Se é que estamos empenhados pela nossa própria existência decorosa em destituir os privilégios de outras raças sobre a nossa, tão digna e pura como a melhor, é possível estimular com uma indiferença tão suicida um valor como a Sra. Brindis de Sala?” (TÁBANO, 1948, p. 5).

O “golpe final” veio de quem se punha como apoiador daquela literatura, que buscava a todo custo se sustentar por si mesma, no ato de desafiar a autoria de seus versos, pretendendo subtrair aquilo que lhe era mais caro: a sua voz.

Contudo, ontem e hoje, outras vozes em apoio tem se posicionado percebendo o valor de sua produção e buscando de maneiras distintas contribuir para o seu devido reconhecimento como autêntica voz feminina da literatura afro-uruguaia e, mais que isso, continental.

Se contar uma vida é tarefa complicada, desconstruir equívocos sobre a mesma requer esforço em dobro. A despeito das dificuldades e das dúvidas expostas, que os estudos já publicados sobre Virginia Brindis de Salas possam ser o suporte necessário para mantê-la entre as primeiras poetisas negras da literatura em língua espanhola e alimenta-se o anseio de que outras pesquisas possam ser capazes de dar as respostas às perguntas a seu respeito que ainda permanecem suspensas.

REFERÊNCIAS

BARRIOS, Pilar. Conceptuoso discurso pronunciado por el Sr. Pilar E. Barrios. *Acción*, III Epoca, Año 1, n. 13 y 14, Melo, Agosto-Setiembre de 1948. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70497>

>. Acessado em: 04/08/2020.

BARRIOS, Pilar et al. Una cantante. *Nuestra Raza*, Año I, n. 8, p. 7, Montevideo, Marzo de 1934. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70034>

>. Acessado em: 04/08/2020.

BARRIOS, Ventura; CABRAL, Elemo. Fué homenajeada la autora de “Pregón de Marimorena” Virginia Brindis de Salas. *Nuestra Raza*, Año XII, n. 154, Montevideo, Junio de 1946. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70182>

>. Acessado em: 04/08/2020.

BARRIOS, Ventura; CABRAL, Elemo. Pilar E. Barrios. Autor de “Piel Negra”, libro de versos que aparecerá en breve. *Nuestra Raza*, Año XVI, n. 168, Montevideo, Agosto de 1947. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70197>

>. Acessado em: 04/08/2020.

BRITOS, Alberto. Libros y Revistas. *Nuestra Raza*, Año XII, n. 153, Montevideo, Mayo de 1946. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70181>

>. Acessado em: 04/08/2020.

BRITOS, Alberto. Pilar Barrios. *Bahia-Hulan-Yack*, XXXIX, IX, p. 11, 1990. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/22436>

>. Acessado em: 04/08/2020.

BURGUEÑO, María Cristina. Virginia Brindis de Salas: la voz de un “Yo” afro. *Negritud*, 1.1, p. 281-289, 2007.

BUSTAMANTE, Jorge. Virginia Brindis de Salas. In: ORTUÑO, Edgardo (coord.). *Invisibilizados: pensamiento y arte afro-uruguayo*. Montevideo: Casa de la Cultura Afro-uruguaya, 2017. p. 12-13.

CABRAL, Cristina Rodríguez. Review: Rompiendo silencios by Isabel Oronoz. *Afro-Hispanic Review*; Columbia, vol. 32, ed. 1, p. 219-221, Spring 2013.

FERRAN, Juan Jacinto. Informaciones que prometimos. *Acción*, II Epoca, Año II, n. 16, Melo, 24 de Noviembre de 1945. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70473>

>. Acessado em: 04/08/2020.

FERRAN, Juan Jacinto. Virginia Brindis de Salas. *Acción*, II Epoca, Año III, n. 23, Melo, Agosto 25 de 1946. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70487>>. Acessado em: 04/08/2020.

FERRAN, Juan Jacinto. Nuestros colaboradores. *Acción*, III Epoca, Año I, n. 1, Melo, Agosto de 1947. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70488>>. Acessado em: 04/08/2020.

FERRAN, Juan Jacinto. Homenajeada. *Acción*, III Epoca, Año 3, n. 19, Melo, Diciembre de 1949. 3. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70500>>. Acessado em: 04/08/2020.

FERREIRA, Carlos Cardozo. Las colaboradoras de “Nuestra Raza”. *Nuestra Raza*, Año XI, n. 134, 30 de Octubre de 1944. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70149>>. Acessado em: 04/08/2020.

GUADALUPE, Julio. Negros en el Uruguay. *Rumbos*, ano III, n. 35, Rocha, Junio de 1941. p. 4. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70758>>. Acessado em: 04/08/2020.

GUADALUPE, Julio. Prologo – Virginia Brindis de Salas y su poesía realista. In: SALAS, Virginia Brindis de. **Pregón de Marimorena**. Segunda Edición. Montevideo: Sociedad Cultural Editora Indoamericana, 1952. p. 7-14.

JOHNSON, Lemuel A. “Amo y espero”: The Love Lyric, Virginia Brindis de Salas, and the African-American Experience of the New World. *Afro-Hispanic Review*, vol. 3, no. 3, p. 19-29, September 1984.

LEWIS, Marvin A. Our race: modern afro-uruguayan poetry. In: *Afro-Hispanic Poetry, 1940-1980: from slavery to “Negritud” in South American Verse*. Columbia, MO: University of Missouri Press, 1983. p. 9-45.

LEWIS, Marvin A. *Afro-uruguayan Literature: postcolonial perspectives*. Granbury, NJ; London: Associated University Presses, 2003. p. 87-93.

MENDEZ, Alberto Noe; FERNANDEZ, Luis E. Comunicado. *Nuestra Raza*, Año XVI, n. 169, Montevideo, Setiembre de 1947. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70198>>. Acessado em: 04/08/2020.

MISTRAL, Gabriela. De Gabriela Mistral a Virginia B. de Salas. In: SALAS, Virginia Brindis de. *Cien Cárceles de Amor*. Montevideo: Compañía Impresora, 1949. p. 9-10.

MONTERO, Mario Leguizamon. Actividades del Conjunto Artístico C.I.A.P.E.N. *Revista Uruguay*, Año II, n. 24, Montevideo, Enero de 1947. p. 7. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70415>>. Acessado em: 04/08/2020.

MONTERO, Mario Leguizamon. Conferencia de la Sra. Brindis de Sala. *Revista Uruguay*, Año IV, n. 40, p. 9, Montevideo, Julio de 1948. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70431>>. Acessado em: 04/08/2020.

NIERES, Ceferino. El poeta Pilar E. Barrios, autor de “Piel Negra” habla para Uruguay. *Revista Uruguay*, Año III, n. 36, Enero-Marzo de 1948. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70427>>. Acessado em: 04/08/2020.

PALERMO, Eduardo R. Prensa y política afro uruguaya: Nuestra Raza y el Partido Autóctono Negro – primera mitad del siglo XX. *Revista Prâksis*, Novo Hamburgo, a. 16, n. 1, jan./abr. 2019. p. 7-31.

PEÑA, Ignacio Suárez. C.I.A.P.E.N. Nueva Entidad de la Raza Negra. *Revista Uruguay*, Año II, n. 15, p. 12, Montevideo, Abril de 1946a. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70410>>. Acessado em: 04/08/2020.

PEÑA, Ignacio Suárez. Primer gran acto de C.I.A.P.E.N. *Revista Uruguay*, Año II, n. 17, p. 5, Montevideo, Junio de 1946b. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70412>>. Acessado em: 04/08/2020.

PRINCE, Blake. Virginia Brindis de Salas, a poetisa de rara concepción lírica. *Nuestra Raza*, Año XII, n. 149, Montevideo, Enero de 1946. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70174>>. Acessado em: 04/08/2020.

SALAS, Virginia Brindis de. A Iris Cabral. *Nuestra Raza*, Año III, n. 35, Montevideo, 26 de Junio de 1936. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70061>>. Acessado em: 04/08/2020.

SALAS, Virginia Brindis de. Mi Corazón. *Acción*, II Epoca, Año I, n. 11, Melo, 25 de Abril de 1944. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70463>>. Acessado em: 04/08/2020.

SALAS, Virginia Brindis de. Ausencia. *Acción*, II Epoca, Año II, n. 15, Melo, 22 de Agosto de 1945a. Disponible em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70471>>. Acessado em: 04/08/2020.

SALAS, Virginia Brindis de. Tus ojos. *Acción*, II Epoca, Año II, n. 15, Melo, 25 de Octubre de 1945b. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70471>>. Acessado em: 04/08/2020.

SALAS, Virginia Brindis de. *Cien Cárceles de Amor*. Montevideo: Companhia Impresora, 1949.

SALAS, Virginia Brindis de. *Pregón de Marimorena*. Segunda Edición. Montevideo: Sociedad Cultural Editora Indoamericana, 1952.

SORDO, Elsa Pito. C.I.A.P.E.N y su Verdadera Mision. *Rumbos*, II Epoca, año 1, n. 3, Montevideo, Julio de 1949. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70805>>. Acessado em: 04/08/2020.

TÁBANO. Acotaciones sobre un espectáculo. *Revista Uruguay*, Año IV, n. 39, Junio de 1948. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70430>>. Acessado em: 04/08/2020.

TECHERA, Cesar A. Uno de nuestros poetas. *Rumbos*, I Epoca, Año VIII, n. 87, Rocha; II Epoca, Año I, n. 2, Setiembre de 1948. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70804>>. Acessado em: 04/08/2020.

TECHERA, Cesar A. La emocionada palabra de una dama. *Rumbos*, II Epoca, Año I, n. 4, Montevideo, Agosto de 1949. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/handle/123456789/70806>>. Acessado em: 04/08/2020.

VALDÉS, Ildefonso Pereda. *El negro en el Uruguay: pasado y presente*. Montevideo, 1965.

VALERO, Silvia. Cristina Rodríguez Cabral: el proceso continuo de la identidad y su proyección poética. Entrevista. *Vistas Al Patio*, no. 10, p. 151-164, 2016.

YOUNG, Caroll Mills. The Literary Tradition of Afro-Uruguay. *Afro-Hispanic Review*, vol. 10, no. 3, p. 72-77, September, 1991.

YOUNG, Caroll Mills. Virginia Brindis de Salas vs. Julio Guadalupe: A Question of Authorship. *Afro-Hispanic Review*, vol. 12, no. 2, p. 26-30, Fall 1993.

YOUNG, Caroll Mills. The Historical Development of Afro-Uruguayan's Intellectual Movement: A Coalition in Black and White. *Palara*, number 6, p. 84-93, Fall 2002.

YOUNG, Caroll Mills. The unmasking of Virginia Brindis de Salas: Minorority Discourse of Afro-Uruguay. In: DECOSTA-WILLIS, Miriam (Ed.). *Daughters of the Diaspora: Afra-hispanic writers*. Kingston: Ian Randle Publishers, 2003. p. 11-24.

YOUNG, Caroll Mills. From Voiceless to Voice: Womanist Writers of the Black Uruguayan Press. *Afro-Hispanic Review*, vol. 23, no. 2, p. 33-38, Fall 2004.

Recebido em 20/04/2020.

Aceito em 30/07/2020.